

“Tirem a roupa!”, ordena a professora. E os alunos obedecem.

As crianças não poderiam imaginar que isso pudesse acontecer dentro de uma escola. Na segunda-feira passada, os alunos da Escola Tietê — que fica dentro do Clube de Regatas Tietê — assistiam à abertura das Olimpíadas promovidas por seu colégio quando, por volta das 11h30, a voz da diretora Lavinia Cristina de Souza de Menezes soou grave nos alto-falantes: “Atenção. Todos os alunos da 5ª a 8ª série devem dirigir-se imediatamente às salas de aula”.

Sem saber do que se tratava, os alunos obedeceram a ordem. Os meninos foram separados das meninas — contaram depois os alunos — e todos foram submetidos a um constrangimento normalmente imposto a marginais: professores e funcionários da escola fizeram-lhes uma revista total. Os meninos tiveram de ficar só de cuecas. As meninas, de calcinha e sutiã. Suas roupas foram atiradas ao corredor. E só então souberam a razão das humilhações: os Cz\$ 7 mil roubados da bolsa da professora Mara Cristina Bussini.

Toda a “operação” durou mais de uma hora. As mães que esperavam seus filhos à saída da escola quiseram saber por que estavam demorando para aparecer. Descobriram. E armou-se uma confusão.

“Os professores nos disseram que estavam fazendo aquilo a mando da diretora”,



Escola Tietê: alunos e pais, chocados.

diz um dos alunos. “Havia até um policial no pátio, cuja presença foi solicitada pela direção da escola”, conta Nelson da Silva, que tem um filho estudando na Escola Tietê e hoje, juntamente com outros pais, entrará com um pedido de sindicância no Juizado de Menores.

Lavinia Cristina, a diretora da escola, negou-se a conversar com o JT ontem. Limitou-se a mandar uma de suas funcionárias dizer, por telefone, “que não havia motivo nenhum para uma entrevista, já que nada de excepcional tinha acontecido na escola”.

No 2º Distrito Policial, onde dois pais registraram queixa do caso, a professora Mara Cristina Bussini negou que os alunos tiveram de tirar a roupa.

— Tentamos conversar com o presiden-

te do clube, Durval Guimarães, que nos fez uma exigência burocrática: “Façam a reclamação por escrito” — afirma José Gossi, que tem três filhos na Escola Tietê. — Durante dois dias esperamos providências de le sobre esse ato estarrecedor que fizeram com as crianças. Como não obtivemos resposta, encaminhamos um requerimento ao MEC, contando o que houve, e vamos esperar providências, agora.

Não se sabe qual foi o critério utilizado pela escola para suspeitar dos estudantes das 5ª à 8ª séries e fazê-los ficar seminus para provar sua inocência. “Havia outros professores, funcionários, vigias, e esse não é o melhor meio de descobrir o responsável por algum crime”, revolta-se uma das mães. “Quase obrigaram meu filho a tirar as cuecas também, além de fazê-lo se vestir diante de suas coleguinhas. Ele morreu de vergonha.”

A professora furtada disse à polícia que se ausentara da sala onde estava naquele dia e, ao retornar, viu sua bolsa aberta com seus pertences jogados perto dela, sem os Cz\$ 7 mil. E contou isso à diretora, que então procedeu à “investigação”.

— Toda essa história é meio estranha — afirma o delegado Brasília Machado. — O jeito é investigar para ver o que realmente aconteceu.

Costábile Nicoletta